

# UM ESTUDO DAS CONCEPTUALIZAÇÕES METONÍMICAS DA VARIACÃO LINGUÍSTICA NAS TIRINHAS DA TURMA DO XAXADO, DE ANTÔNIO CEDRAZ

*Carla Bianca Chagas de Jesus* (UNEB)

[carlabia12@yahoo.com.br](mailto:carlabia12@yahoo.com.br)

*Edna da Paixão Pereira* (UNEB)

[edna.life@hotmail.com](mailto:edna.life@hotmail.com)

*Elisângela Santana dos Santos* (UNEB)

[elisangelasantana2008@gmail.com](mailto:elisangelasantana2008@gmail.com)

## RESUMO

Partindo-se do pressuposto de que para estudar os fenômenos linguísticos, em particular, a variação linguística, é preciso considerar as experiências humanas em contextos interacionais e os sistemas conceptuais oriundos destas, almeja-se verificar, neste trabalho, como a variação linguística é conceptualizada em tirinhas da Turma do Xaxado, de autoria de Antônio Cedraz. Para isso, foram levados em conta os postulados teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva, disciplina que trouxe um novo olhar epistemológico sobre os estudos relativos à significação e, por conseguinte, à categorização e à conceptualização. Intentou-se explicitar como os processos metonímicos atrelam-se à produção de sentidos, ultrapassando o plano verbal do texto multimodal, uma vez que se propõe um estudo da metonímia conceptual também no plano imagético. Como se trata de uma pesquisa de cunho qualitativo e, portanto, de caráter interpretativo, procurou-se identificar e estudar duas tirinhas produzidas pelo referido cartunista, disponíveis em revistas impressas e em sites na internet, com o intuito de apresentar os resultados obtidos a partir das observações e estudo das conceptualizações da variação linguística nos textos em questão. Como aporte teórico, foram consultadas pesquisas dos precursores dos estudos metonímicos, a exemplo de Goossens (2003) e Barcelona (2003), bem como Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Almeida e Santos (2015; 2016), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005; 2011) e Faraco (2005).

### Palavras-chave:

Conceptualização. Metonímia. Linguística Cognitiva. Variação Linguística.

## 1. Reflexões iniciais

O texto intitulado “Um estudo das conceptualizações metonímicas da variação linguística nas tirinhas da Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz”, apresenta um estudo introdutório sobre a metonímia, segundo os princípios da Linguística Cognitiva. Para tanto, objetivamos promover uma discussão acerca do modo como ocorrem as conceptualizações de variação linguística em tirinhas da Turma do Xaxado, disponíveis em revistas impressas e em sites na internet. Como aporte teórico, foram consultadas pesquisas dos precursores dos estudos metonímicos, a exem-

plo de Goossens (2003) e Barcelona (2003), bem como Lakoff e Johnson (2002 [1980]), Almeida e Santos (2015; 2016), e, também, Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005; 2011) e Faraco (2005).

Para alcançarmos o objetivo deste texto, o dividimos em quatro seções que se somam à Introdução e às Considerações Finais. Na primeira seção, apresentamos uma breve explanação sobre as tiras da Turma do Xaxado, do cartunista Antônio Cedraz. Já na segunda seção, tecemos alguns comentários sobre os avanços dos estudos linguísticos e como a variação linguística tem sido contemplada. Em seguida, traçamos um panorama sobre a metonímia conceptual. Na última seção, antes das Considerações Finais, fizemos um estudo do *corpus*, na tentativa de compreender os mecanismos cognitivos que propiciam a multiplicidade de sentidos, recorrendo particularmente, às noções de conceptualização, bem como da metonímia como expressão linguística e como mecanismo conceptual.

## **2. *O que nos mostram as tirinhas da Turma do Xaxado, de Antônio Cedraz***

O gênero textual tirinha é um recorte da História em quadrinhos. Sua origem remonta ao período de 1895, quando foram produzidos os primeiros textos em tiras por Richard Felton Outcault, no jornal New York World.

Tal como as Histórias em Quadrinhos, as tirinhas podem evidenciar muito sobre os grupos sociais dos quais fazemos parte, uma vez que os quadrinistas buscam revelar e/ou denunciar mazelas sofridas pela população nordestina, que é foco da sua denúncia social. A turma do Xaxado, de Antônio Cedraz revela a vida simples do sertanejo que clama por chuva e busca, por meio das autoridades, melhores condições de vida.

As histórias relatadas são contemporâneas e universais, voltadas para temas como variação linguística, seca e a pobreza, atraindo a atenção das pessoas e instigando o pensamento crítico de crianças, jovens e adultos. Através das personagens, o leitor é convidado a fazer parte do cenário que o sertanejo vive: secas periódicas, vegetação escassa e desigualdades sociais, com tirinhas repletas de informações e bom humor. “Suas historinhas encontram espaços por serem inteligentes, bem roteiri-

zadas e engraçadas, sem perderem o senso reflexivo e educativo” (MATOS, 2012, p. 5).

Com a leitura das tirinhas de Cedraz, é possível perceber que os personagens representam um grupo heterogêneo, tipicamente brasileiro, de várias classes econômicas e graus de instrução. Talvez essa peculiaridade no trabalho do cartunista baiano contribua para que suas histórias alcancem os palcos internacionais e ganhem visibilidade no Brasil, principalmente, nos livros didáticos distribuídos em rede municipal e estadual de ensino, e também, em canais de televisão, blogs, jornais, dentre outros meios de comunicação que passaram a divulgar os conteúdos das tirinhas e o nome do referido cartunista baiano.

Vale ressaltar que A Turma do Xaxado é uma produção essencialmente baiana. Antônio Cedraz viveu e experienciou a vida sofrida do sertanejo. Sua arte torna pública uma crítica social, política e econômica que assola a população em várias partes do país. Suas narrativas abordam, com humor e sem subestimar a capacidade dos leitores, temas sociais polêmicos como, por exemplo, o coronelismo, a pobreza, o preconceito e a dominação cultural.

### **3. *Variação linguística e cognição***

Conforme sabemos, há muitas maneiras de compreendermos o mundo e uma delas é pela linguagem, por meio da qual é possível interligar sujeito, história e língua. Muitos estudos linguísticos já apontavam a necessidade de se analisar a língua, de forma atrelada à sociedade e sua historicidade. Câmara Júnior (1972, p. 273) defendeu, nos idos de 1970, que “a língua é parte da cultura”; Benveniste (1989) discorreu sobre a relação entre língua e sociedade; Faraco (2005) tratou da linguagem como essencialmente social correlacionada de forma sistemática com a história social dos falantes; Paim (2018, p. 173) “considerou a linguagem como atividade social histórica e cognitiva”; Lakoff e Johnson (1980, 2002), na década de 80, trouxeram para a agenda dos estudos linguísticos o foco para o experiencialismo e, mais recentemente, estudiosos como Silva (2010), agregaram estudos sociolinguísticos aos estudos feitos na perspectiva cognitiva, dando início assim, à Sociolinguística Cognitiva.

De acordo com enquadramento teórico pautado nos princípios cognitivistas, buscamos compreender, organizar e categorizar o mundo por meio da linguagem. Lakoff e Johnson (2002) postulam que a experi-

ência é determinante para o processo de categorização. “Isso significa que as coisas do mundo exterior só têm existência para os homens quando são nomeadas” (FIORIN, 2015, p. 15-16), o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social e as experiências do homem com o meio.

Para tanto, o conhecimento humano depende de como categorizamos os elementos, já que os significados dos nomes organizam as formas de perceber e compreender a realidade, além de estarem ligados diretamente com uma cultura ou uma comunidade.

Na perspectiva sócio-histórico-cognitiva, compreendemos que falamos e/ou escrevemos sobre a visão que construímos do mundo e não propriamente sobre o mundo, tal como dado independente de nós. Então, os conceitos gerados pela espécie humana acham-se inter-relacionados ao tempo, à cultura, à ideologia que os produzem e os recriam ou, até mesmo, às posições individuais que afloram no uso linguageiro [...] (ALMEIDA; SANTOS, 2019, p. 157)

Quanto à conceptualização, podemos dizer que se baseia na experiência, na subjetividade do sujeito e é produto das relações com a mente, com o ambiente e com a vida em sociedade. Em outras palavras, os fenômenos que ocorrem na língua não são mudanças aleatórias, pois não estão dissociadas da cultura e da sociedade.

A linguagem intermedeia nossa relação com o mundo. No entanto, essa relação não se dá, diretamente; quer dizer, não se dá entre palavras e as coisas. Essa relação se dá entre as categorias cognitivas que construímos das coisas ao longo de nossa experiência e as palavras de que a língua vai dispor para expressar tais categorias. Quer dizer, as palavras são “representações linguísticas” dessas categorias cognitivas que construímos e armazenamos [...] (ANTUNES, 2012, p. 27-8)

A Linguística Cognitiva baseia seus estudos na percepção e conceptualização humana do mundo, ou seja, recupera o interesse pelo significado linguístico ao invés dos estudos da gramática ou descrição da língua, ao contrário do Estruturalismo e do Gerativismo. Ao posicionar-se a esse respeito, Almeida e Santos (2019) descrevem que:

Estudos sobre a significação, que nascem no bojo das ciências cognitivas, mostram-nos que a nossa linguagem, bem como conceitos fundamentais sobre o que nos cerca estão intrinsecamente atrelados a construtos sócio-histórico-cultural-político-ideológicos que emergem de nossas experiências sensório-motoras e de percepções de eventos e ações que evidenciam a natureza corporificada, subjetiva e situada do significado linguístico, esquecida pelos formalistas, mas tão propalada pelos cognitivistas. (ALMEIDA; SANTOS, 2019, p. 157)

As mudanças em relação à concepção de língua evoluíram consideravelmente nos últimos anos, graças aos estudos concernentes aos usos linguísticos. Se antes tínhamos uma língua dissociada do contexto sócio-histórico dos falantes, hoje não estudamos a língua sem antes considerar os contextos de fala de cada indivíduo. É consenso entre aqueles que se dedicam e se preocupam com o uso de que fazemos da língua que esta não pode servir de exclusão social.

Conhecer a história da língua, a tradição gramatical, a riqueza do nosso vocabulário, a beleza da nossa literatura oral e escrita, o potencial da nossa linguagem – tudo isso é muito bom, é preciso e deve ser cultivado. Só não podemos admitir que alguém transforme tudo isso numa arma, num arame farpado, numa cerca eletrificada ou em qualquer outro tipo de instrumento de exclusão social. (BAGNO, 2007, p. 160)

Compreender os aspectos linguísticos em seus contextos de uso vai muito além da proposta das gramáticas normativas e, neste viés, a língua não pode ser rotulada como “certa” ou “errada”. Pensando assim, o avanço do ensino nas escolas brasileiras foi impulsionado com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, que representou uma importante mudança na concepção de ensino de línguas, introduzindo novos conceitos, até então, pouco conhecidos na prática docente, como por exemplo, a disciplina Sociolinguística<sup>1</sup>.

Ainda, segundo Bagno (2007), temos nas sociedades complexas e letradas uma realidade linguística composta pela variação linguística, ou seja, a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade, e a norma-padrão, produto cultural, modelo artificial de língua criado para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados. Daí a concepção de erro que permeia as relações entre os mais letrados, em detrimento daqueles que sofrem estigma e preconceito por não dominarem as regras da Gramática Normativa.

A concepção de língua moldada pela prescrição nos leva a perceber o quanto os avanços nos estudos linguísticos têm contribuído para desmistificar as ideologias que estão em torno dos fenômenos linguísticos. Sendo assim, Bortoni-Ricardo (2005) vai nos alertar que “o compor-

---

<sup>1</sup> O objetivo da sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra. Para a sociolinguística, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada [...] (BAGNO, 2007, p. 38).

tamento linguístico é um indicador claro de estratificação social”, já que alguns grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua.

Partindo desses pressupostos e avanços no estudo da língua, é possível perceber que um dos mecanismos utilizados para trabalhar a questão da variação linguística nas escolas, principalmente nos livros didáticos, são as tirinhas e Histórias em Quadrinhos, que têm sido empregadas como um mecanismo de incentivo à leitura, por inserir o leitor em um mundo imagético e textual, repleto de metáforas e metonímias.

#### **4. *Entendendo um pouco mais a metonímia conceptual***

A metonímia é, tradicionalmente, considerada como uma figura de linguagem que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva material ou conceitual com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado. Trata-se de um método empregado recorrentemente na linguagem humana, na vida cotidiana. O conceito mais comum de metonímia está relacionado à ideia de um termo que é substituído por outro, estabelecendo uma associação por contiguidade, que remonta à Antiguidade Clássica e estava presente na retórica de Aristóteles. Entre os vários exemplos de metonímia, podemos citar aquele em que a parte substitui o todo, também denominada de sinédoque.

Não obstante, Jakobson (1956) apresenta uma nova configuração, para o conceito de metonímia, quando ele propõe dois polos fundamentais para o funcionamento da linguagem humana: o paradigmático ou metafórico e o sintagmático ou metonímico. De acordo com esse teórico, o “desenvolvimento de um discurso pode ocorrer ao longo de duas linhas diferentes: um tópico pode levar ao outro ou por suas similaridades ou por suas contiguidades” (JAKOBSON, 1956/2003, p. 43). O primeiro, ele nomeia de processo metafórico e o segundo, de metonímico.

Os estudos da Semântica Cognitiva nos fazem refletir sobre a ideia de que a metonímia não é somente um fenômeno linguístico, conhecido como “figura de palavra”, dentro da tradição aristotélica de estudos da linguagem, uma vez que se trata de um fenômeno conceptual de produção de sentido. De acordo com Lakoff (1987), as relações metonímicas estabelecem pontos de referências para uma categoria, viabilizando a emergência de normas e expectativas a partir das quais outros membros da categoria são avaliados. Lakoff e Turner (1989, p.37) afirmam que a

metonímia tem função referencial que permite o “uso de uma entidade no lugar de outra”, possibilitando focar mais especificamente certas peculiaridades do que está sendo referida. A partir da década de 80, com os estudos desenvolvidos por Lakoff e Johnson (1980), surge a Teoria da Metonímia Conceptual, que “não é um mero recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 93). Segundo os referidos autores, as ocorrências não são arbitrárias, mas sistemáticas e permeiam a nossa cultura por meio do nosso sistema conceitual, processo que envolve a forma como são organizados as nossa linguagens, pensamentos e ações.

Nesse sentido, esse artigo apoia-se em estudos que assumem a metonímia como esquemas naturais de inferência, que produzem efeito de sentido social e bem demarcados. Os estudos mais recentes evidenciam que a metonímia embasa esquemas representacionais, que se estruturam na linguagem, e que são altamente dependentes de fatores sócio-histórico-culturais. Assim, analisar a metonímia no plano imagético possibilita-nos observá-la numa perspectiva que vai além de um mero processo de referência para o cerne da inferência.

Segundo Lakoff e Johnson (2004):

Metáfora e metonímia são processos de natureza diferente. A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. **A metonímia**, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p. 92-3) (grifo nosso)

Tendo como base esse conceito de metonímia cunhado por Lakoff e Johnson (2004), percebemos que metonímias são altamente dependentes dos processos de significação que se estruturam na dependência dos contextos de que participam, permitindo que o/a falante identifique determinado elemento como mais representativo, em detrimento de outro, numa relação de inferência, como *preciso de sua cabeça*, numa definição de PARTE COMO TODO, um exemplo de sinédoque que destaca não apenas a parte de um todo, mas a parte relevante para a predicação, segundo Ferrari (2016).

Nesse caso, o membro do corpo, cabeça, assume uma posição de importância maior em detrimento do próprio corpo que é o domínio – matriz. A significação acontece através do processo de produção de sentido em que o falante aciona a força do específico, do particular, provo-

cando no/a leitor/a um olhar para a materialidade, para o imediato. A escolha metonímica seleciona o específico como modo de olhar que quase nunca passa por escolhas pessoais e, sim, culturais, sociais.

A metonímia como um processo cognitivo revela íntima relação entre o significado que se deseja transmitir e o significante usado para expressá-lo. Ainda de acordo com Lakoff e Johnson (1980, p. 59), os conceitos metonímicos emergem das correlações em nossa experiência com os objetos físicos e são sustentados em nossas experiências concretas. Eles destacam que a metonímia viabiliza a emergência de normas e expectativas a partir das quais outros membros da categoria são avaliados através de subtipos: (1) estereótipo social; (2) exemplo típico; (3) ideal; (4) modelo; (5) gerador; (6) exemplos salientes. Para ilustrar como funciona esse subtipo, vejamos os exemplos metonimicamente interpretados:

(01) Mulçumano para terrorista. (Estereótipo social)

(02) Irmã Dulce para pessoa caridosa. (Modelo)

(03) Bombril para palha de aço. (Exemplos salientes)

Lakoff e Turner (1989) sugerem que a projeção metonímica envolve um só domínio. De acordo com Ferrari (2016, p. 103), “a metonímia promove o realce de um domínio específico no âmbito de um domínio-matriz complexo e abstrato, estruturado por um único Modelo Cognitivo Idealizado” e esses domínios possuem uma grande importância na interpretação dos modelos metonímicos. Conforme Santos (2012), nesse processo de domínio, podemos utilizar de um mesmo elemento em um único esquema para fazer referência a outra entidade no mesmo esquema ou uma entidade pode substituir outro elemento no mesmo esquema ou todo o esquema.

Assim, a metonímia coloca em evidência a informação relevante da caracterização do domínio matriz em um determinado contexto. De acordo com Croft (2003), esse domínio produz um realce, uma ativação mental que pode transformar em principal o que era secundário no sentido literal.

Nessa perspectiva, estudar textos multimodais como as *Tirinhas da Turma do Xaxado* significa trazer para reflexão elementos essenciais que subjazem o processo complexo de produção de sentido, uma vez que as cenas são evocadas através de elementos ou atributos de elementos em interação dentro de uma mesma cena. Dessa forma, os textos multimodais consistem em textos materializados a partir de elementos advindos



dos diversos registros da linguagem (verbal e visual) que, segundo Gapa-reto Sé (2008), empregam duas ou mais formas linguísticas, a composição da linguagem verbal e não verbal com o objetivo de proporcionar uma melhor inserção do leitor no mundo contemporâneo.

Em face disso, trabalhar com o texto multimodal como as tirinhas, numa perspectiva de análise da metonímia conceptual, é uma forma de experienciar o processo cognitivo e a materialidade textual, pois nessas análises existem possibilidades infinitas de processamento de sentidos em pequenas e grandes escalas, pois o sentido é produzido na proliferação de cenas, diálogos, palavras, textos, gêneros que permeiam o texto multimodal, podendo ativar um domínio experiencial.

A materialidade textual tem adquirido novos formatos e moldes, o que tem deflagrado novas formas de ler e de compreender textos. Desse modo, o processo metonímico de produção de sentido está presente nesse contexto, não apenas no pensamento, mas também na ação, seja esta materializada em gestos, textos escritos ou imagéticos e sons, possibilitando que dentro de um mesmo domínio funcional, haja vários subdomínios, entretanto, apenas um deles será ativado, conforme o contexto (BARCELONA, 2003).

Assim, Domingues (2016, p. 101) pontua que a metonímia é considerada um elemento constituinte de operações cognitivas gerador de significados que regem as atividades humanas e se refletem no uso das diferentes linguagens da espécie. Tal questão é, portanto, um dos objetos de estudo que apresentamos na seção seguinte.

## **5. *Estudo do corpus***

A variação linguística é um aspecto da língua bastante presente em nosso cotidiano. É possível observar nos enredos das *Tirinhas da Turma do Xaxado*, *corpus* selecionado para este estudo, a presença de personagens do meio rural e tipos urbanos, com a finalidade de ressaltar aspectos característicos da sociedade vigente. O uso da língua, nesses textos, é, muitas vezes, marcado por ideologias sociais de prestígio, conforme assegura Bortoni-Ricardo (2005, p. 36), ao afirmar: [...] “o português falado pelas classes mais favorecidas tem sua variedade mais prestigiada em detrimento de outras [...]”.

Por meio das tirinhas e do ambiente em que as histórias acontecem, Antônio Cedraz deseja revelar a realidade da região nordestina. Ele

dá vida a personagens que se relacionam, diretamente, com esse espaço, podendo mostrar traços peculiares de suas localidades e dos grupos sociais aos quais pertencem.

É nessa perspectiva que se insere a Linguística Cognitiva, pois a noção entre linguagem-cultura-ideologia irá contribuir para a compreensão da linguagem no seu aspecto sociocognitivo. Sendo assim, o regionalismo que acompanha o cenário das tirinhas da Turma do Xaxado implica numa orientação sociolinguística cognitivista para o estudo da variação da linguagem e das metonímias presentes nesse contexto, pois, segundo Silva (2008), a variação é consequência imediata e inevitável do uso.

Por essa razão, elegemos duas tirinhas do já citado cartunista, para fazer um estudo pautado no aparato teórico da linguística Cognitiva, uma vez que essa teoria adota o modelo baseado no uso e que ilustram a variação. As histórias da Turma do Xaxado são atuais, contextualizadas e de inserção social, pois defendem os interesses da região nordeste, transmitindo as preocupações e reivindicações do semiárido. Silva (2008) afirma que não é possível evitar o estudo da variação linguística a partir do momento em que assumimos um modelo baseado no uso.

Neste estudo, as tiras escolhidas representam o estereótipo social presente nos personagens, pois elas corporificam um grupo específico da sociedade. As ações ali expostas são resultantes da experiência de mundo e, principalmente, do contexto cultural no qual se enquadra o seu próprio autor. Para melhor ilustrarmos, fizemos um estudo, à luz do arcabouço teórico sobre os processos metonímicos que acionam o conceito de variação linguística.

### 5.1. Estudo da tirinha 1

XAXADO / Antonio Cedraz



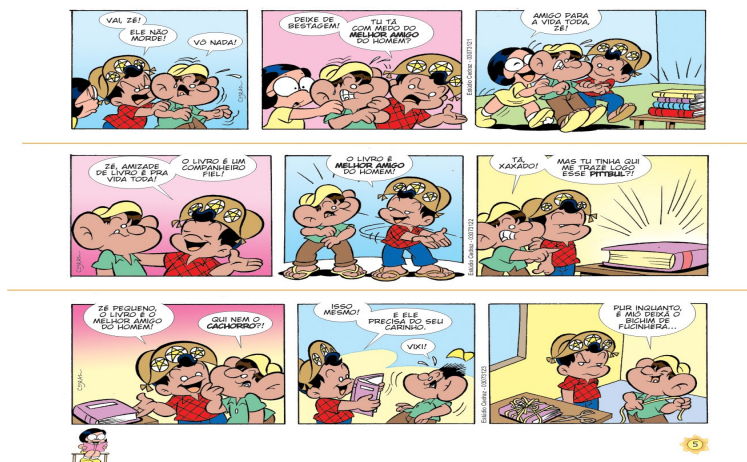
Fonte: Disponível em <http://trasemquadrinhos.blogspot.com/2012/>. Acesso em julho de 2019.

Na tirinha apresentada, ocorre um diálogo entre dois matutos que refletem sobre a condição de vida dos sertanejos. A materialidade textual aciona dois domínios conceituais diferentes: a seca e a política. O quadrinista recorre ao contexto da seca para representar um cenário político do país, acionando um modelo cognitivo metonímico de estereótipo social. O diálogo entre os dois personagens revela o caráter da injustiça social, uma vez que existe um contexto de seca, mas *na fazenda do patrão não há, porque ele é rico*. Por inferência, o que estava presente na memória e intuição das personagens se materializa e se corporifica prototipicamente na figura *do patrão*.

Partindo dessa análise, percebemos que o patrão representa o político. Temos uma metonímia, pois um subdomínio (patrão) é usado para simbolizar um domínio todo (políticos). Para, além disso, no último quadrinho da tirinha, as personagens afirmam que a seca é corrupta, ativando mais uma vez o processo de inferência, em que um domínio inteiro é usado para simbolizar um subdomínio que, mais uma vez, se apresenta por meio da fonte metonímica estereótipo social, pois a seca prototípica é aquela que rouba, que destrói e acaba com sonhos, nesse caso, representada pela corrupção. As conceptualizações de seca e patrão são metonímicas, porque, quando acessamos os domínios patrão e seca, acionamos os malefícios que esses dois domínios trazem para os principais afetados, a população, e em especial, a população nordestina.

Segundo Silva (2008), as estruturas linguísticas exprimem conceptualizações e as conceptualizações realizadas na e através da linguagem têm uma base experiencial, isto é, estão intrinsecamente relacionadas ao modo como os seres humanos experienciam a realidade, tanto fisiológica como cultural (SILVA, 2008, p. 4). Nesse caso, a variação linguística presente na tirinha revela a situação de uso da língua num contexto específico, pois percebemos que a variação diatópica e diastrática perpassam a linguagem dos personagens, uma vez que nossa prática comunicativa está inserida em determinado entorno cultural, histórico e social.

## 5.2. Estudo da tirinha 2



Fonte: Disponível em: <http://tirasemquadrinhos.blogspot.com/2010/>. Acesso em jul de 2019.

Na tirinha apresentada, Zé Pequeno é um menino que vive na roça; gosta das coisas simples da zona rural, tais como passear de jumento, tomar banho no rio e subir em árvores. Tem fama de preguiçoso, não tem afinidade com os livros e, conseqüentemente, não gosta de ir à escola. Xaxado, seu melhor amigo, é neto de um famoso cangaceiro que vivia no bando de Lampião e um menino alegre, sempre atento aos problemas da vida no campo. A característica que denota o parentesco é o chapéu que representa o cangaço. Marieta, diferentemente, dos seus amigos, vive corrigindo a fala “errada” das pessoas, em defesa da língua portuguesa preconizada nas gramáticas normativas. É apaixonada por livros, por estudar e aprender coisas novas. Sonha um dia em ser uma professora.

Ao observarmos a tirinha, percebemos a intenção de Marieta e Xaxado em aproximarem o menino dos livros. A expressão no rosto de Zé Pequeno é de resignação, resistência, pavor e medo, ao perceber que está chegando perto do objeto exposto. Mas, seus amigos tentam justificar que o livro é o melhor amigo do homem, porque cuida, protege, acolhe e está sempre presente para nos ajudar.

Percebendo que não está convencendo o amigo de que o livro é bom, é divertido e faz bem, Xaxado reafirma, na segunda tirinha, que o livro é o melhor amigo do homem. É interessante notar que, em nossa cultura, conceptualizamos que o “melhor amigo do homem” é o cachorro, pois este não abandona, é fiel e está sempre por perto para proteger e cuidar do seu dono. No entanto, Zé Pequeno faz uma indagação se referindo ao melhor amigo como feroz, bravo, e que age por impulso, ao compará-lo com um “pittbul”.

É possível notar que as conceptualizações de melhor amigo para livro nas tirinhas depende do ponto de vista de cada interlocutor. Se para Xaxado, o livro é para a vida toda, é companheiro, é fiel, remetendo a uma categorização de cachorro dócil e amigável, o livro, na concepção de Zé pequeno, é bravo, malvado, perigoso, é o “Pittbul”, que pode representar ferocidade, agressividade e terror, inclusive quando na imagem e na fala do personagem há a presença da focinheira, como forma de neutralizar e tornar inofensivo algo que para ele pode proporcionar algum mal.

A conceptualização metonímica do tipo de cachorro está perspectivada no sentimento, pois o cachorro pode expressar várias emoções. Marieta e Xaxado esperam que seja de carinho, mas para Zé Pequeno é de ferocidade. Essas percepções são possíveis por se tratar de um texto multimodal. Segundo Almeida (2016, p. 104), “com o desenvolvimento de estudos sobre a metonímia na multimodalidade, ficou constatado que as imagens podem funcionar como ponto de referência para, cognitivamente, ativarem outra imagem ou manifestação linguística”.

Ainda segundo Almeida (2016), “a metonímia multimodal é aquela em que, em um mesmo Modelo Cognitivo Idealizado, veículo e meta são ativados por diferentes modos”. Sendo assim, na multimodalidade, a entidade conceptual, o veículo, promove acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo em um mesmo Modelo Cognitivo Idealizado, através de modos distintos. Os processos cognitivos estão diretamente ligados a fatores históricos e culturais.

## **6. Reflexões finais**

O estudo realizado nos fez verificar o papel da interconexão entre texto imagético e verbal, na conceptualização, e indicamos a construção de sentidos, por meio de mapeamentos metonímicos, estruturados por

esquemas imagéticos. Constatamos, por meio da multimodalidade, que a variação linguística contorna as tirinhas da turma do Xaxado e pode ser inferida, seja pela forma de falar dos personagens ou pelo modo como se vestem. É percebido, nas tiras, que os personagens que falam de acordo com a gramática normativa dispõem de uma condição social mais elevada, em detrimento daqueles que fazem uso da linguagem popular, por exemplo, Marieta e Zé pequeno respectivamente.

Também observamos que as construções metonímicas foram intermediadas pelos efeitos de sentido proporcionados pelos contextos sócio-culturais dos personagens. Na primeira tirinha, temos a presença de dois matutos que dialogam sobre a seca e suas consequências para a vida do sertanejo, em contrapartida, as imagens e as falas nos fazem refletir a diferença entre o terreno do pobre, trabalhador do campo e sem estudo (inferência feita pela coloquialidade presente na fala dos personagens e suas roupas), e o terreno do patrão, rico, escolarizado e livre da seca. Sendo assim, trazendo para o bojo do cenário nacional, em que a corrupção ultimamente tem permeado principalmente o meio político e econômico da sociedade brasileira, a conceptualização SECA É CORRUPTA aciona as nossas experiências sócio-histórica-culturais.

Já na segunda tirinha, o cerne da questão variacionista está no fato de que Zé Pequeno não gosta de estudar e Marieta, além de defender a gramática normativa, sonha em ser professora de língua portuguesa, sendo assim, não concorda com o modo de falar do amigo, que, segundo ela, não condiz com o que preceitua a norma padrão, por isso, tenta a todo custo, juntamente com Xaxado, intermediar a relação de Zé Pequeno com o livro, já que este pode proporcionar conhecimento, aprimorar a leitura e consequentemente auxiliar na oralidade e na escrita. Percebemos, portanto, certo preconceito por parte de alguns personagens da segunda tirinha, mesmo não estando explícito o contexto sócio-histórico e cultural dos personagens. Sendo assim, o estudo nos mostrou que a metonímia transcende o campo das figuras estilísticas de linguagem e que a relação entre linguagem e referência é insuficiente para desvelar as complexidades do processo metonímico em sua rica abrangência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues de. *Brasil, 2015: como a presidenta, seu partido, seus eleitores e seu governo podem ser conceptuali-*

zados em rede social. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 99-118, 2016.

ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues de; SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado em semântica sócio-histórico-cognitiva. In: *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, Vol. 8, n. 2. 2019. p. 136-57

ANTUNES, Irlandé. O Léxico da Língua. In: *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 27-49

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

BARCELONA, A. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, A. (Ed.). In: *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p.1-28

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas-SP: Pontes, 1989.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa*. Brasília: MEC, 2000.

BORTONI-RICARDO S. M. *Nós chegemu na escola, e agora? Socio-linguística & educação*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. Língua e Cultura. In: *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972, p. 265-273.

CROFT, W. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 161-205

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2015.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, São Paulo, 2002 [1980].

MATTOS, S. Os dez anos da Turma do Xaxado. In: CEDRAZ, A. *1000 tiras em quadrinhos*. São Paulo: Martin Claret, 2012. p. 5-6

PAIM, Marcela. M. T. Variação Linguística no livro didático para o Ensino Médio: algumas considerações. In: Simone Bueno Borges da Silva; Júlio Neves Pereira. (Org.). *Língua Portuguesa e Literatura no Livro Didático: desafios e perspectivas*. v. 1, 1. ed. São Paulo: Pontes, 2018, p. 169-183

SANTOS, Ione Aires. Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo. In: *Percursos Linguísticos*, Goiabeiras Vitoria – Espírito Santo, v. 5, n. 2, p.40-56, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3568/2846>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

SILVA, Augusto Soares da. Sociolinguística cognitiva e o estudo da convergência/divergência entre o português europeu e o português brasileiro. In: *Veredas – revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 10, n. 12, p.01-21, 14 jul. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25230>>. Acesso em: 08 ago. 2019.